

Abordagens fisioterapêuticas na dor do assoalho pélvico durante a gestação e o puerpério: uma revisão narrativa

Hillary Neves, Fisioterapia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Tábata Sivie de Lima Trindade, Fisioterapia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Franciele Creusa Ariadne Barbosa Medeiros Rodrigues Lustosa, Fisioterapia, Centro Universitário Integrado, Brasil, franciele.medeiros@grupointegrado.br

Resumo: Durante a gestação e o puerpério, o corpo da mulher passa por transformações que afetam diretamente a estrutura e a funcionalidade do assoalho pélvico, predispondo ao surgimento de dores e disfunções que comprometem a qualidade de vida. Nesse contexto, a fisioterapia destaca-se como uma estratégia essencial de prevenção e reabilitação. O objetivo deste trabalho foi identificar por meio de uma revisão narrativa da literatura, as abordagens fisioterapêuticas aplicadas à dor do assoalho pélvico durante a gestação e o puerpério. A metodologia consistiu em uma busca bibliográfica nas bases SciELO, LILACS e PubMed, utilizando descritores relacionados à gestação, puerpério, dor pélvica e fisioterapia, considerando artigos publicados entre 2015 e 2025. Os resultados apontam que a cinesioterapia foi a técnica mais recorrente e eficaz para a redução da dor lombar e pélvica durante a gestação, enquanto, no puerpério, destacaram-se a liberação miofascial, os exercícios perineais e a reeducação postural, promovendo melhora da força muscular, diminuição da dispareunia e melhor controle da incontinência urinária. Além disso, observou-se impacto positivo das intervenções fisioterapêuticas na funcionalidade global e na qualidade de vida das mulheres. Conclui-se que a fisioterapia pélvica desempenha papel fundamental tanto na prevenção quanto no tratamento das disfunções do assoalho pélvico, sendo necessária sua maior inserção nos serviços de atenção à saúde, a fim de garantir o acesso universal a essas práticas.

Palavras-chave: Cinesioterapia. Disfunções pélvicas. Fisioterapia. Qualidade de vida.

Abstract: During pregnancy and the puerperium, a woman's body undergoes transformations that directly affect the structure and functionality of the pelvic floor, predisposing it to pain and dysfunctions that compromise quality of life. In this context, physiotherapy stands out as an essential strategy for prevention and rehabilitation. The aim of this study was to identify, through a narrative literature review, the physiotherapeutic approaches applied to pelvic floor pain during pregnancy and the puerperium. The methodology consisted of a bibliographic search in the SciELO, LILACS, and PubMed databases, using descriptors related to pregnancy, puerperium, pelvic pain, and physiotherapy, considering articles published between 2015 and 2025. The results indicate that kinesiotherapy was the most recurrent and effective technique for reducing low back and pelvic pain during pregnancy, while, in the puerperium, myofascial release, perineal exercises, and postural reeducation stood out, promoting improved muscle strength, reduced dyspareunia, and better control of urinary incontinence. Moreover, a positive impact of physiotherapeutic interventions on global functionality and women's quality of life was observed. It is concluded that pelvic physiotherapy plays a fundamental role in both the prevention and treatment of pelvic floor dysfunctions, and its greater inclusion in health care services is necessary to ensure universal access to these practices.

Keywords: Kinesiotherapy. Pelvic dysfunctions. Physiotherapy. Quality of life.

INTRODUÇÃO

Durante o ciclo gravídico-puerperal, o corpo da mulher passa por transformações significativas que afetam diretamente a estrutura e a funcionalidade do assoalho pélvico. Essas alterações, somadas ao peso fetal e às adaptações do organismo para o parto, podem gerar disfunções que comprometem o bem-estar físico e emocional. Estudos apontam que dores pélvicas e lombares tendem a surgir com maior intensidade a partir do segundo trimestre da gestação, em decorrência do aumento da sobrecarga mecânica e da instabilidade postural (Andrade, 2021; Araújo *et al.*, 2022; Barbosa *et al.*, 2022; Coutinho *et al.*, 2023).

A via de parto exerce influência direta sobre a saúde do assoalho pélvico. O parto vaginal, embora fisiológico, pode ocasionar maior estiramento das fibras musculares, predispondo a disfunções como a incontinência urinária e a dor persistente. Já a cesariana, apesar de poupar parcialmente essa musculatura, não elimina complicações, pois envolve cicatrizes, alterações funcionais e recuperação abdominal. Nesse cenário, a fisioterapia pélvica configura-se como intervenção essencial, tanto na prevenção quanto na reabilitação dessas disfunções (Felipe, 2020; Andrade, 2021; Souza; Barbosa, 2022).

A literatura recente mostra que o modo de parto modula o impacto sobre o assoalho pélvico no puerpério. Avaliações ultrassonográficas realizadas entre seis e oito semanas após o parto demonstram maior comprometimento funcional e maior prevalência de prolapso em partos vaginais, em comparação às cesarianas eletivas, que apresentam efeito protetor limitado (Wang *et al.*, 2022). De forma complementar, Pishoh *et al.* (2025) identificaram que a dor pélvica gestacional tende a iniciar em torno da 18ª semana, com intensificação no terceiro trimestre, informação crucial para o planejamento de estratégias fisioterapêuticas preventivas.

O cuidado fisioterapêutico com o assoalho pélvico também deve ser compreendido no campo da saúde pública. Apesar da alta prevalência de disfunções, muitas ainda são subnotificadas devido a barreiras culturais, e grande parte das gestantes e puérperas não recebe orientações adequadas sobre prevenção e reabilitação. Esse cenário evidencia a necessidade de ampliar o acesso à fisioterapia pélvica na atenção básica e especializada, contribuindo para reduzir desigualdades e promover melhor qualidade de vida às mulheres (Boeira; Silva; Furlanetto, 2021).

Do ponto de vista clínico, a atuação fisioterapêutica preventiva durante a gestação tem papel essencial na preservação da funcionalidade do assoalho pélvico, especialmente no que se refere à prevenção de dores e disfunções que impactam diretamente a qualidade de vida. O fortalecimento muscular, por meio de estratégias como o treinamento do assoalho pélvico, tem se mostrado eficaz na redução de complicações comuns, como dor lombar e incontinência urinária (Oliveira *et al.*, 2021; Andrade, 2021).

Ainda que os benefícios sejam amplamente descritos, observa-se uma lacuna na inserção dessas práticas em políticas públicas, o que limita o acesso de gestantes e puérperas a cuidados preventivos e educativos. A escassez de iniciativas

sistemáticas voltadas à disseminação da fisioterapia pélvica evidencia a necessidade de estudos que reforcem sua relevância e subsidiem sua aplicação em maior escala na rede de atenção à saúde da mulher (Boeira; Silva; Furlanetto, 2021).

A compreensão da anatomia e da fisiologia do assoalho pélvico é indispensável para intervenções eficazes, considerando as especificidades de cada fase da gestação. Para tanto, a prática clínica exige conhecimento técnico e científico aliado a uma abordagem humanizada. As técnicas mais utilizadas incluem cinesioterapia, biofeedback e eletroestimulação, todas com benefícios e limitações, mas comprovadamente úteis na prevenção e reabilitação de disfunções (Silva, 2021; Araújo *et al.*, 2022; Oliveira *et al.*, 2021).

Diversas evidências científicas confirmam que a fisioterapia no período gestacional contribui para o alívio de disfunções musculoesqueléticas, como dor pélvica, lombalgia e instabilidade articular. A cinesioterapia, em especial, é descrita como uma das técnicas mais empregadas, com resultados positivos e maior adesão das gestantes quando aplicada de forma individualizada (Barbosa *et al.*, 2022; Andrade, 2021).

No pós-parto, a fisioterapia mantém papel fundamental, atuando na reabilitação da musculatura abdominal e pélvica por meio de técnicas como cinesioterapia, eletroestimulação, exercícios respiratórios, liberação miofascial e reeducação postural. Evidências apontam que essas intervenções reduzem dor, melhoram a função muscular, controlam a incontinência urinária e auxiliam na recuperação da tonicidade. Além disso, favorecem a prevenção de complicações futuras, como alterações posturais, disfunções gastrointestinais e lombalgias, embora ainda sejam pouco difundidas nos serviços de saúde (Coelho *et al.*, 2021).

No puerpério, a fisioterapia também se mostra relevante na reabilitação de disfunções específicas, como a dispareunia. Carvalho *et al.* (2022) relatam que intervenções fisioterapêuticas contribuem para o fortalecimento muscular, redução da dor e melhora da função sexual, ressaltando a necessidade de considerar as alterações fisiológicas desse período para garantir um cuidado mais integral.

Diante desse panorama, justifica-se a realização do presente estudo, uma vez que as disfunções do assoalho pélvico impactam diretamente a qualidade de vida da mulher, ocasionando limitações físicas, emocionais e sociais. A fisioterapia, por atuar tanto na prevenção quanto no tratamento, desempenha papel essencial na recuperação funcional e no bem-estar. Assim, este trabalho tem como objetivo geral identificar por meio de uma revisão narrativa da literatura, as abordagens fisioterapêuticas aplicadas à dor do assoalho pélvico durante a gestação e o puerpério, destacando suas contribuições na prevenção e reabilitação das disfunções mais comuns. Torna-se, portanto, indispensável reunir evidências científicas que subsidiem a prática clínica e auxiliem os profissionais na escolha das técnicas mais eficazes para gestantes e puérperas (Oliveira *et al.*, 2021; Boeira; Silva; Furlanetto, 2021).

MÉTODO

Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, de caráter qualitativo e descritivo, cujo objetivo foi identificar as abordagens fisioterapêuticas aplicadas à dor do assoalho pélvico durante a gestação e o puerpério. A escolha por esse método justifica-se pela possibilidade de ampliar a compreensão sobre o tema, considerando diferentes perspectivas teóricas e evidências clínicas, fornecendo subsídios relevantes para a prática fisioterapêutica.

Para a realização da busca bibliográfica, foram consultadas bases de dados científicas reconhecidas, como a SciELO (Scientific Electronic Library Online), pela representatividade de periódicos da América Latina; LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), por contemplar ampla produção regional; e PubMed (U.S. National Library of Medicine), pela cobertura internacional e diversidade de estudos indexados.

Para a pesquisa, foram utilizados descritores em português e inglês, com base no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde). Esses termos foram combinados por meio do operador booleano “AND”, resultando na seguinte estratégia de busca: “assoalho pélvico/pelvic floor” AND “gestação/pregnancy” AND “puerpério/postpartum” AND “fisioterapia pélvica/pelvic physiotherapy” AND “cinesioterapia/kinesiotherapy” AND “dor pélvica/pelvic pain” AND “reabilitação/rehabilitation”. Essa combinação permitiu uma seleção mais precisa dos estudos pertinentes ao tema.

Foram considerados artigos publicados entre 2015 e 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol, que apresentassem relação direta com a temática proposta e abordassem condutas fisioterapêuticas voltadas à dor ou às disfunções do assoalho pélvico durante a gestação e o puerpério. Ao final do processo de seleção, foram incluídos 11 estudos com diferentes delineamentos metodológicos, como ensaios clínicos, revisões de literatura e estudos observacionais, desde que apresentassem embasamento científico consistente e aplicabilidade clínica. Não foram aplicados protocolos rígidos de exclusão metodológica, visto que o objetivo desta revisão narrativa é oferecer uma visão ampla e contextualizada do tema.

Os estudos encontrados foram analisados e organizados em eixos temáticos, possibilitando identificar as técnicas mais frequentemente descritas, seus efeitos clínicos e suas implicações para a saúde da mulher. Essa abordagem permitiu destacar os recursos fisioterapêuticos de maior evidência, bem como apontar lacunas na literatura e indicar perspectivas para futuras investigações na área.

A revisão da literatura permitiu identificar diferentes estratégias fisioterapêuticas aplicadas ao ciclo gravídico-puerperal, ressaltando a relevância dessas práticas tanto na prevenção quanto no tratamento das disfunções do assoalho pélvico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a gestação, a cinesioterapia foi a técnica mais recorrente, destacada em estudos de Barbosa *et al.* (2022), Araújo *et al.* (2022) e Andrade (2021) como recurso eficaz para redução da dor lombopélvica, melhora da estabilidade postural e prevenção de disfunções musculoesqueléticas. Oliveira *et al.* (2021) reforçam que os exercícios para o assoalho pélvico, aplicados de forma preventiva, contribuem para reduzir a incontinência urinária e melhorar a força muscular.

Estudos como o de Pishon *et al.* (2025) indicam que a dor pélvica tende a se iniciar em torno da 18ª semana de gestação, com intensificação no terceiro trimestre, reforçando a necessidade de estratégias fisioterapêuticas preventivas já no início da gestação. Souza e Barbosa (2022) complementam, relatando que a fisioterapia supervisionada, incluindo métodos como Pilates, também apresenta impacto positivo na redução da dor gestacional, embora os autores apontem limitações metodológicas nos protocolos aplicados.

No trabalho de parto, Oliveira *et al.* (2021) destacaram a utilização da bola de parto como recurso de baixo custo e alta adesão, demonstrando benefícios na redução da dor e no favorecimento da progressão do trabalho de parto. Esse recurso apresentou evidências consistentes quanto à melhora da experiência materna e à facilitação da descida fetal.

No puerpério, os artigos apontaram maior diversidade de técnicas voltadas à reabilitação. Carvalho *et al.* (2022) evidenciaram que a associação de exercícios perineais e liberação miofascial resultou em significativa redução da dispareunia e melhora da função sexual. Coelho *et al.* (2021) enfatizam ainda a contribuição da eletroestimulação e da reeducação postural na recuperação da tonicidade muscular e no controle da incontinência urinária, destacando a necessidade de protocolos individualizados.

Coutinho *et al.* (2023) trouxeram a laserterapia de baixa intensidade como estratégia complementar, com benefícios tanto na cicatrização de traumas mamilares quanto no apoio à manutenção do aleitamento materno. De forma semelhante, Vargas *et al.* (2024), em ensaio clínico randomizado, demonstraram que exercícios físicos supervisionados no pós-parto reduzem a prevalência de dor pélvica e aceleram a recuperação funcional.

A via de parto foi apontada como fator determinante para a saúde do assoalho pélvico. Utilizando ultrassonografia transperineal 4D, Wang *et al.* (2022) observaram que mulheres submetidas ao parto vaginal apresentaram maior mobilidade da junção uretrovesical, ângulos vesicouretrais mais amplos e maior prevalência de prolapso, em comparação àquelas submetidas à cesariana eletiva. Esses achados sugerem que o parto vaginal, embora natural, está associado a maior comprometimento funcional, enquanto a cesariana apresenta efeito protetor limitado (Wang *et al.*, 2022).

Os resultados obtidos a partir da revisão evidenciam que a fisioterapia pélvica contribui de maneira significativa para a prevenção e a reabilitação das disfunções

do assoalho pélvico no ciclo gravídico-puerperal. As principais técnicas relatadas incluem cinesioterapia, exercícios perineais, liberação miofascial, reeducação postural, eletroestimulação e laserterapia, todas associadas à melhora da função muscular, redução da dor, prevenção de complicações e aumento da qualidade de vida (Barbosa *et al.*, 2022; Araújo *et al.*, 2022; Oliveira *et al.*, 2021; Carvalho *et al.*, 2022; Coelho *et al.*, 2021; Coutinho *et al.*, 2023).

Diante dos resultados, observa-se que a fisioterapia pélvica desempenha papel fundamental na prevenção e na reabilitação de disfunções associadas à gestação e ao puerpério. Diversos autores convergem quanto à valorização dessa prática como estratégia eficaz, ainda que haja divergências em relação às técnicas prioritárias e ao momento mais adequado para sua aplicação.

Oliveira *et al.* (2021) e Barbosa *et al.* (2022) destacam a cinesioterapia como abordagem central na gestação, com efeitos positivos sobre dor lombopélvica, estabilidade postural e prevenção de disfunções musculoesqueléticas. Essa posição é reforçada por Andrade (2021), que enfatiza a importância do fortalecimento precoce do assoalho pélvico por meio de exercícios, sobretudo na prevenção da incontinência urinária e da dor. Araújo *et al.* (2022) complementam esse entendimento ao defender programas de preparo físico orientado, incluindo cinesioterapia, biofeedback e eletroestimulação, com foco na atuação preventiva e na ampliação do acesso à fisioterapia obstétrica.

No puerpério, quando o objetivo se volta para a reabilitação de disfunções instaladas, surgem abordagens mais diversificadas. Carvalho *et al.* (2022) demonstram que a associação de exercícios perineais à liberação miofascial reduz a dispareunia e melhora a função sexual de puérperas. De forma semelhante, Coelho *et al.* (2021) apontam a eletroestimulação e a reeducação postural como recursos relevantes na recuperação da tonicidade perineal e no controle da incontinência urinária, evidenciando a importância de uma atuação fisioterapêutica individualizada no pós-parto.

Felipe (2020) contribui com uma perspectiva voltada à dor pélvica crônica, ressaltando que, diante de sua natureza multifatorial, a atuação fisioterapêutica deve ser multimodal e personalizada. Essa proposta vai ao encontro da crescente demanda por condutas mais adaptadas ao perfil clínico da paciente, considerando fatores anatômicos, funcionais e psicossociais.

Apesar das evidências positivas, Silva (2021) alerta para a heterogeneidade dos protocolos de PFMT (treinamento muscular do assoalho pélvico) e cinesioterapia, indicando ausência de critérios rigorosos de avaliação em grande parte dos estudos. Essa crítica dialoga com Boeira, Silva e Furlanetto (2021), que também destacam limitações metodológicas e a necessidade de maior padronização, sobretudo em pesquisas aplicadas na atenção primária à saúde.

Novas perspectivas também vêm sendo exploradas. Coutinho *et al.* (2023) discutem o uso da laserterapia de baixa intensidade no pós-parto imediato, tanto para recuperação funcional quanto para o apoio ao aleitamento materno. Esse enfoque amplia o repertório terapêutico e propõe uma atuação precoce ainda

pouco debatida por outros autores, reforçando a importância da inovação tecnológica aplicada à saúde da mulher.

No campo das práticas complementares, Souza e Barbosa (2022) relatam que o método Pilates pode ser eficaz para redução da dor lombopélvica gestacional, com benefícios comparáveis à cinesioterapia. Entretanto, os próprios autores reconhecem que há resultados conflitantes na literatura, o que levanta questionamentos sobre a padronização e a qualidade metodológica. Essa cautela crítica é reforçada por Silva (2021) e Boeira, Silva e Furlanetto (2021), que destacam a urgência de ensaios clínicos mais robustos para fundamentar essas condutas.

Um ponto de destaque é o estudo de Vargas *et al.* (2024), que investigou a prática de exercícios físicos supervisionados no pós-parto e identificou melhora funcional significativa, embora as limitações metodológicas, como o curto tempo de acompanhamento, exijam cautela na interpretação dos resultados. Ainda assim, os achados reforçam a importância da intervenção precoce e supervisionada como estratégia de recuperação funcional.

A influência da via de parto também se mostra crucial. Wang *et al.* (2022), por meio de ultrassonografia 4D, demonstraram que mulheres submetidas ao parto vaginal apresentaram maior comprometimento funcional do assoalho pélvico quando comparadas àquelas que tiveram cesariana eletiva. Esse resultado reforça a necessidade de intervenções fisioterapêuticas precoces no pós-parto, sobretudo em puérperas com maior risco de disfunções, como defendem também Felipe (2020) e Vargas *et al.* (2024).

Outro aspecto relevante diz respeito ao início da dor pélvica gestacional. Pisho *et al.* (2025) identificaram que a sintomatologia tende a surgir em torno da 18ª semana de gestação, com intensificação no terceiro trimestre. Esse achado reforça as proposições de Andrade (2021) e Oliveira *et al.* (2021), que defendem a importância da inserção precoce de estratégias preventivas para evitar complicações futuras.

Esses diferentes achados apontam que, embora haja consenso sobre a relevância da fisioterapia pélvica, persistem divergências quanto à priorização das técnicas e ao momento ideal de intervenção. Enquanto Andrade (2021), Oliveira *et al.* (2021) e Silva (2021) defendem o PFMT e a cinesioterapia como base preventiva, Felipe (2020) sugere a individualização total dos protocolos, e Araújo *et al.* (2022) defendem a padronização durante a gestação. Apesar dessas divergências, há um ponto de convergência: a eficácia está na combinação de técnicas adaptadas ao período (gestação ou puerpério) e ao tipo de disfunção apresentada.

Assim, a fisioterapia pélvica, para ser efetiva no manejo da dor do assoalho pélvico, deve integrar programas preventivos padronizados com estratégias terapêuticas multimodais e individualizadas, respeitando a fisiologia da gestação e a complexidade do puerpério (Andrade, 2021; Oliveira *et al.*, 2021; Silva, 2021).

Apesar dos avanços evidenciados, a literatura ainda aponta escassez de ensaios clínicos randomizados, heterogeneidade nos protocolos aplicados e ausência de padronização das condutas fisioterapêuticas. Soma-se a isso o restrito acesso das mulheres a esse tipo de acompanhamento, sobretudo no âmbito da rede pública de saúde. Essas limitações reduzem o alcance dos benefícios comprovados e revelam um descompasso entre a produção científica e a aplicação clínica. Nesse sentido, torna-se essencial ampliar políticas públicas que incorporem a fisioterapia pélvica como componente estruturado do cuidado pré-natal e puerperal, assegurando acesso universal, equitativo e de qualidade às gestantes e puérperas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão realizada evidencia que a fisioterapia pélvica desempenha papel fundamental na prevenção e no tratamento da dor e de disfunções do assoalho pélvico durante a gestação e o puerpério. As técnicas mais frequentemente relatadas foram a cinesioterapia, a liberação miofascial, os exercícios perineais e a reeducação postural, associadas a recursos complementares como eletroestimulação e biofeedback. Tais intervenções demonstraram benefícios consistentes na redução da dor, no fortalecimento muscular, na melhora da função sexual, no controle da incontinência urinária e na qualidade de vida das mulheres, atendendo ao objetivo deste estudo de identificar as abordagens fisioterapêuticas aplicadas à dor do assoalho pélvico durante a gestação e o puerpério.

Conclui-se, portanto, que o acompanhamento fisioterapêutico voltado ao assoalho pélvico não deve ser compreendido apenas como medida reabilitadora, mas como estratégia preventiva essencial no ciclo gravídico-puerperal. Recomenda-se o desenvolvimento de estudos com maior rigor metodológico, a padronização de protocolos clínicos e a inserção efetiva da fisioterapia pélvica nos serviços de atenção primária e especializada, de modo a otimizar a assistência integral à saúde da mulher.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora Coelho de. **Importância do fortalecimento do assoalho pélvico em gestantes**. 2021. Monografia (Bacharelado em Fisioterapia) – Centro Universitário AGES, Paripiranga, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/e9d38829-7f8a-4f30-a2a6-ae364b459b24>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ARAÚJO, A. F. C.; PINHEIRO, G. S.; FERREIRA, S. C. S.; SALEME, A. P. F. A atuação do fisioterapeuta durante a gestação e no pós-parto. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, Minas Gerais, v. 7, n. 1, jul. 2022.

BARBOSA, B. J.; SOUZA, L. J. S.; CUNHA, P. R. D.; MOTTA, P. C. V. Abordagem fisioterapêutica no período gestacional. **Apoena Revista Eletrônica**,

Salvador, ed. 5, v. 2, p. 233–249, dez. 2022. Disponível em: <https://transformauj.com.br/apoena-revista-eletronica/>. Acesso em: 16 out. 2025.

BOEIRA, J. T. R.; SILVA, Y. P.; FURLANETTO, M. P. O papel da fisioterapia pélvica na atenção primária à gestante: uma revisão integrativa. **Fisioterapia Brasil**, v. 22, n. 6, p. 912–930, 2021. DOI: 10.33233/fb.v22i6.4483.

CARVALHO, A. C. S. A.; LEAL, T. B.; SANTOS, M. G. M.; FONTINELE, E. S.; AMORIM, D. N. P. Efeitos da intervenção fisioterápica em mulheres com dispareunia no período pós-parto: uma revisão integrativa. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 13, n. 1, p. e28466, 2022. ISSN 2237-7417. DOI: 10.29327/rcc.v13i1.28466.

COELHO, S. R. A.; OLIVEIRA, A. A.; FEYH, F. A.; BEZERRA, L. S. C.; SIQUEIRA, S. G. Fisioterapia na pós-gestação. RECIMA21 – **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 7, 2021. DOI: 10.47820/recima21.v2i7.513.

COUTINHO, J. P.; PEREIRA, G. C.; SOUSA, G. R. P.; MARTINS, A. F.; SILVA, A. C. A.; MUTOU, F. M. L. Atuação da fisioterapia no puerpério: uma revisão de literatura. RECIMA21 – **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 4, n. 10, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i10.4148.

FELIPE, Andressa Pamplona. **Atuação da fisioterapia na dor pélvica crônica feminina: uma revisão**. 2020. Monografia (Bacharelado em Fisioterapia) – Universidade de Rio Verde, Goiás, 2020. Disponível em: <https://www.unirv.edu.br/conteudos/fckfiles/files/Andressa%20Felipe%20Pamplona.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

OLIVEIRA, J. G.; MENDES, J. M.; SANTANA, Z. P.; OLIVEIRA, M. A. S.; ARAUJO, L. M. A atuação do fisioterapeuta no pré-parto, parto e pós-parto: uma revisão integrativa. Práticas e Cuidado: **Revista de Saúde Coletiva**, v. 2, p. e10875-e10875, 2021.

PISOH, D. W.; KARELLE, N. T. J.; NCHUFOR, R. N.; AKO, T. W.; MFORTEH, A. A. A.; BOTEN, M.; FOUMANE, P. Low back pain during pregnancy: prevalence, risk factors and clinical profile in the Bamenda Regional Hospital. **BMC Pregnancy and Childbirth**, v. 25, n. 1, p. 406, 2025.

SILVA, Joice Carolina da. **Abordagem fisioterapêutica nas disfunções do assoalho pélvico e os impactos negativos na vida das mulheres**. 2021. Monografia (Graduação) - Centro Universitário UniAGES, Paripiranga. 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/66fdb60-ebfa-402b-ad84-10bc0338a1c2>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SOUZA, L. C.; BARBOSA, F. S. Fisioterapia na redução de dor lombar em mulheres gestantes no período pré-natal: uma revisão integrativa da literatura. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n. 11, p. 73650–73662, nov. 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n11-191.

VARGAS, T. M.; VARGAS, L. M.; ANTUNES, E. L.; SOCHODOLAK, R. C.; OLIVEIRA, J. V.; GOVEIA, J. C.; PEDROSO, B. Effects of physical exercise on postpartum pelvic floor dysfunctions: a randomized placebo-controlled trial.

SIMPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de
Empreendedorismo,
Pesquisa e Extensão
Integrado

Apoio



FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA
Apoio ao Desenvolvimento Científico
e Tecnológico do Paraná

Fisioterapia em Movimento, Curitiba, v. 37, p. e37137, 2024. DOI: 10.1590/fm.2024.37137.

WANG, C.; WANG, Q.; ZHAO, X.; WANG, X.; ZHOU, W.; KANG, L. Effects of different delivery modes on pelvic floor function in parturients 6–8 weeks after delivery using transperineal four-dimensional ultrasound. **Disease Markers**, v. 2022, Article ID 2334335, p. 6, 2022. DOI: 10.1155/2022/2334335.